



Pára-quedaistas

Fiz uma conferência outro dia, à moda, vigente em alguns jornais, de convidar, para fazer crônicas diárias, pessoas que se tornaram conhecidas em outros ramos que não o jornalismo. Minha referência foi, espero, bem humorada; mas agora eu soube do redator de um vespertino que estava irritado contra o salário mensal que a direção pagava a uma dessas pessoas. Ele achava que os jornalistas profissionais deviam reagir.

Eu acho que não. Em primeiro lugar porque o dono de um jornal tem o direito de convidar quem

quiser para escrever nêle, e pagar quanto bem entender. E se paga muito a um desses "pára-quedaistas" do jornalismo, tanto melhor; isso apenas poderá servir de argumento ao profissional para exigir salário mais alto. Em segundo lugar porque os cronistas se dividem, afinal de contas, em duas espécies: os bons e os maus. Um "crack" de futebol ou um grande cartaz de cirurgia que se mete a escrever num jornal não escapa a essa classificação.

Se o "crack" de futebol se revela um bom cronista esportivo, então acontece que êle é mesmo um

bom cronista esportivo, e pode exercer êsse ofício com honra e proveito — sem que ninguém tenha de que se queixar. Se êle não é um bom cronista esportivo, pode acontecer que seus escritos despertem interesse durante algum tempo devido à curiosidade do público ou às revelações que êle fizer em seus primeiros trabalhos no jornal. Mas a curiosidade logo se cansa, o novo escritor logo esvazia o seu saco, e fica sem ter mais o que dizer; no fim de um mês ou dois sua secção está enfadonha, e então o diretor do jornal trata de rifá-lo suavemente. O mesmo acontece com o cirurgião, a môça de sociedade, o cantor célebre, o herói militar, o político popular, etc.

Escrever no jornal é a secreta aspiração de muita gente: isso lhe parece um meio fácil de obter glória e proveito, e fala à sua vaidade. No fundo o número de pessoas que julga que poderia ser, se quisesse, um bom escritor ou um bom jornalista, é enorme. O médico ilustre lê uma crônica de Rachel de Queiroz, contando uma história de um menino que ela conheceu no Ceará, e contando com tôda a simplicidade. Admira a crônica, se emociona; depois se lembra de um caso ou de vários casos que êle mesmo sabe, e pensa lá no fundo de seu coração: "bem, se seu tivesse tempo, também poderia escrever uma coisa assim".

E até secretamente acha que, com sua experiência da vida talvez pudesse escrever melhor; sente-se, inclusive, capaz de fazer um pouco de estilo, visto que conhece bem o seu português e já leu muitos bons autores.

Não lhe ocorre que Rachel de Queiroz é, como êle mesmo, um profissional; que dedicou a maior parte de sua vida a escrever e lidar com coisas de literatura, como êle também passou sua vida tratando dos outros e lidando com coisas de medicina. Que aquela simplicidade admirável e aquela força de emoção de uma crônica de Rachel não são um acaso; são resultado de uma aptidão natural, mas também de um longo "métier"; que, antes de cada frase que ela escreve, houve um trabalho, consciente ou inconsciente, de seleção entre mil outras frases que ela poderia ter escrito. E que, como profissional, o orgulho de Rachel é o mesmo de um sapateiro que faz um bom sapato. E que sua simplicidade só pode iludir ao leigo; que se amanhã você pegar uma senhora inteligentíssima que seja também, suponhamos, uma grande química, e pedir para ela escrever no lugar de Rachel, ela será provavelmente complicada, e acabará simplória quando tentar ser simples.

Não, não há maiores mistérios nessa coisa de escrever. Apenas prática e jeito; afinal de contas tôdas as palavras estão no dicionário ou na boca do povo, trata-se apenas de colocá-las umas atrás das outras. Uma pessoa que jamais escreveu pode fazer isso uma ou algumas vezes com extraordinária felicidade; mas logo esgotará suas "chances" e se sentirá incapaz de um trabalho literário ou jornalístico permanente e sério.

Os "pára-quedaistas" do jornalismo ou da literatura não podem, portanto, oferecer nenhum perigo. Se escrevem realmente bem, já não são pára-quedaistas. Se o são, acabam por levantar vôo outra vez para outras e mais excitantes aventuras...

A POESIA É NECESSÁRIA

Canto

NENI SALVINI

Ô este desejo,
êste desejo forte
de derramar-me no ar noturno,
de esquecer-me naquela árvore
escura.

Ô esta dor,
esta dor segura
de entrar numa nuvem
e perder-me no tempo.

Ô este grito,
êste grito de minh'alma
que vai batendo
na montanha
e desaparece no vento.

Ninguém ouve,
ninguém pode ouvir
o grito que é só meu!

NOTA — Do livro "Do mar longe", de Neni Salvini, que nasceu no Rio, de pais italianos, publicou o primeiro livro em 1951 e publicará agora "Sino de Arcia".